

A Democratização da Educação e do Emprego face à Ditadura da (Des)Informação

Patrícia Bernardo*

Resumo

Nos tempos de Informação que hoje decorrem, a Conscientização dos Direitos, em Democracia, nem sempre é uma prática quotidiana. Com esta abordagem pretende-se a reflexão em torno dos pressupostos freireanos de Conscientização, Emancipação e Implicação Social para se debater a Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres na concretização de projectos pessoais e profissionais relacionados com a empregabilidade. O empowerment das Mulheres Portuguesas está envolto em circunstâncias pessoais, familiares, morais e sociais que se pretendem explorar para se clarificar a importância decisiva da Educação e da Informação bem como o enredo de uma Cidadania activa e efectiva.

Ser-se cidadão era habitar a cidade. Pela transformação histórica, cultural e social, esta designação tornou-se a identidade do ser humano: um conjunto de virtudes cívicas em contexto social, num tempo e de um certo modo de vida.

No Estado do bem-estar, ser cidadão é possuir-se um estatuto político e social. Para os neoconservadores esta designação necessita de um ajuste entre direitos e obrigações, deveres e responsabilidades (Torres, 2001). Ser cidadão é assumir-se um contrato social, independentemente de se ser mulher ou homem.

Freire revê no cidadão o gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e a cidadania, o uso dos direitos e direito de ter deveres de cidadão (1993). Mas cidadania é também uma garantia de qualidade de vida, de justiça e de pertença a uma comunidade. Ser-se cidadão torna-se, então, uma liberdade e um direito.

Os direitos humanos são as liberdades pessoais e civis, são "ao mesmo tempo direitos de pessoas e direitos de cidadãos" nas esferas privada e pública. No domínio sócio-educativo, poderemos afirmar como Augusto Santos Silva que educar para os direitos é "favorecer que as pessoas se tornem pessoas" (2002: 36).

Voltando a Freire, podemos definir a conscientização dos cidadãos como um processo de luta ideológica, ou seja, não se trata de um dado adquirido só porque se nasce, cresce e se é educado, mas necessita de tomar o rumo da acção e do diálogo: é tomar consciência para a apreensão crítica do real. As mulheres e os homens não poderão deixar para os outros o seu processo de clarificação e aprofundamento do real, cada um terá que investir as suas sinergias nessa procura constante ou apenas terá a aparência da realidade e não sentirá a sua essência.

Todas as fases da vida envolvem um questionamento pessoal e profissional mas provavelmente as mulheres que não conseguiram desenvolver carreiras profissionais,

* Licenciada em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, coordenadora do Projecto Incubadoras Familiares (CIDM – ANOP)

questionar-se-ão sobre os caminhos a seguir, o que podem e querem transformar, se as suas vidas não correspondem aos seus sonhos, aos seus projectos, enfim, se não correspondem ao mundo que queriam para si. Freire aponta então uma das saídas possíveis: um pretexto ao diálogo, pelo diálogo, pelo encontro no qual a reflexão e a acção se orientam para o mundo que é preciso humanizar, transformar, só assim se conseguirá a mudança social e, logo, a mudança de cada um. Isto porque “a pós-modernidade hoje, como a modernidade ontem e a antiguidade tradicional anteontem, ao condicionar as mulheres e os homens nelas e por elas envolvidos, não mata nem matou nelas e neles o que chamamos sua *natureza*, que não sendo um *a priori* da História nela e só nela se vem socialmente constituindo” (Freire, 2001: 158).

Socialmente, as mulheres já provaram que a sua acção é determinante, é pois a altura de passarem a promover práticas efectivas e afectivas em termos de solidariedade profissional e de empregabilidade. Emprego e educação são hoje direitos assegurados pela Constituição a qualquer cidadão, há que empreender políticas de igualdade, pela educação para os direitos, “essa educação (...) tem que ser abrangente, totalizante; ela tem que ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver” (Freire, 2001: 102). A mulher não quer deixar de ser mãe ou ser profissional, quer é poder ser uma mulher de sucesso, realizada na sua plenitude pessoal e social.

Se inicialmente a luta feminista era voltada para os direitos básicos sonogados às mulheres pela sua condição de “menina prendada, esposa adorada e mãe esmerada”, hoje podemos afirmar que a luta feminista encontra as suas maiores resistências no desenvolvimento das carreiras profissionais das mulheres.

O projecto que actualmente coordeno, designado por “Incubadoras Familiares”, tem por metas básicas promover a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens no domínio do empreendedorismo, e aprofundar os enredos familiares para poder facilitar às mulheres um suporte de conciliação entre os domínios profissional e pessoal das suas vidas. Inicialmente, desenvolvemos um estudo sobre as iniciativas empresariais femininas já apoiadas pela ANOP ou por outras instituições, para tentar perceber que apoios as mulheres encontram na família mas também que muros se constróem aos seus projectos, nesta esfera.

Os resultados encontrados permitem-nos afirmar que a maioria das mulheres não encontra no seu núcleo familiar a solidariedade e os apoios necessários para a sua acção, para esta cruzada. Se consegue empreender um micro-negócio, a mulher fá-lo sozinha, só com os apoios dispensados pelas instituições. Mas se a estas mulheres a família pode ser a barreira para alcançar o sucesso profissional, pela nossa investigação podemos afirmar que a informação, ou o seu acesso, são a chave para a transformação destas realidades. A maior parte das mulheres que contacta instituições que promovem este tipo de apoios segue em frente com um projecto pessoal e profissional, o nosso dilema está em chegar às que não sabem que existimos.

Se o movimento de mulheres aumentou as “possibilidades da cidadania, sobretudo nas sociedades democráticas multiculturais” (Torres, 2001: 154), hoje, o nosso investimento dever-se-á canalizar para a divulgação da informação necessária às

mulheres, para elas, sim, que são donas dos seus destinos, poderem desafiar-nos para o desenvolvimento de iniciativas profissionais.

Actualmente continua a ser necessário, assim como o foi na primeira vaga do feminismo, "a luta pela melhoria das condições de vida das mulheres, a cruzada por direitos civis, tratamento igual na lei, cidadania e direitos sociais e no trabalho" (Nogueira e Silva, 2003: 11).

Á teoria freireana podemos ir buscar algumas soluções, ao pensarmos as nossas práticas poderemos constatar que "há muitos rumos a serem tomados em nosso próprio desenvolvimento como actores históricos e na propagação de comunidades e sociedades nas quais podemos lutar por um futuro local e global melhor" (Freire, 1998:15).

Vivemos em democracia, com representação política e com práticas efectivas de participação social. Esta práxis social implica mudanças que se poderão delinear tanto ao nível do indivíduo, de reconfiguração relacional, quer no âmbito do seu núcleo familiar, quer no domínio do social; e a nível macro-relacional, em termos de práticas quotidianas de igualdade entre mulheres e homens nos intercâmbios sociais e económicos e, porque não, no domínio da consolidação dos seus projectos profissionais e empresariais (Torres, 2001).

Procuraremos efectivar práticas de cidadania que favoreçam as virtudes de "uma filosofia anti-racista, anti-sexista e anticlassista baseada na tolerância" e na "rejeição do cinismo e das posições niilistas, uma espiritualidade secular do amor e um hábil envolvimento no diálogo como processo de conhecimento" (Torres, 2001: 288). E assim como Maria de Lurdes Pintasilgo afirmava, também hoje acreditamos que ninguém melhor que as mulheres para serem as principais activistas em prol de uma cidadania que integre todos os direitos humanos.

A mudança é urgente.

"Mudar é difícil mas é possível".

(Paulo Freire)

Bibliografia:

- FREIRE, P. (1993), *Política e Educação: Ensaio*. São Paulo: Cortez Editora
- FREIRE, P. (1998), *A critical encounter* in McLaren, P. org. (1998), *Paulo Freire – poder, desejo e memórias da libertação*. Porto Alegre: Editora Artmed
- FREIRE, P. (2001), *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Editora UNESP
- NOGUEIRA, C. e SILVA, S. (2003), *Introdução* in MARQUES, C. org. (2003), *Um olhar sobre os feminismos, pensar a democracia no mundo da vida*. Porto: UMAR

- SILVA, A. S. (2002), *A actualidade dos direitos humanos e a educação para a cidadania* in AMARO, G. org. (2002), *Educação para os Direitos Humanos – Actas do Encontro Internacional*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- TORRES, C.A. (2001), *Democracia, Educação e Multiculturalismo*. Petrópolis: Editora Vozes.